

NARRATIVA E IMAGINÁRIO NA AMÉRICA ESPANHOLA

Heloisa Costa MILTON¹

- **RESUMO:** Parte significativa da novelística hispano-americana é indagação estética sobre a história que, a partir de Colombo, começou a ser escrita no novo continente. Como se sabe, essa história apresenta contornos singulares na medida em que foi impulsionada, dentre outros fatores, tanto pela imaginação reinante na mentalidade européia da época quanto pelas fontes mitológicas que organizavam o saber indígena. Como consequência, na América Espanhola imaginação, história e narração constituem extratos culturais solidários, em permanente relação. É intuito deste trabalho abordar aspectos da história cultural hispano-americana em função dos tópicos narração e imaginação, considerados preponderantes na constituição do processo formador das identidades americanas.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Ficção e História; mito e imaginação; narrativa hispano-americana; conquista da América; Carlos Fuentes.

Este trabalho pretende ser um breve passeio por aspectos histórico-culturais relativos às origens da América Espanhola, em função de elementos que vitalizam o título proposto: imaginação/ação/narração, elementos cuja ordem, neste caso, é perfeitamente intercambiável na medida em que constituem “signos em rotação”, nos termos do livro de Octavio Paz, no que diz respeito ao âmbito cultural focalizado.

Na América Espanhola, imaginação, história e narração mantiveram sempre estreita solidariedade. Se considerarmos os seus primórdios, veremos que um contingente expressivo de mitos, lendas, sonhos, desejos e emoções, chancelado pela fantasia e a imaginação européias, marcou os fatos dramáticos e decisivos que inscreveriam o continente, definitivamente, na civilização ocidental.

A propósito, vale assinalar que grande parte da novelística hispano-americana é resposta à crise historiográfica e literária inaugurada por Cristóvão Colombo, no momento em que tomou posse das terras ignotas para a coroa espanhola, batizou-as imediatamente de Índias, e recobriu-as com as excelências de modelos asiáticos imaginários oriundos da mentalidade de seu tempo, a despeito de um mundo que primava pelo desajuste a esses mesmos modelos. O continente, no tocante ao primeiro gesto identificador referendado pela escritura de Colombo, começou sendo uma porção da Ásia, fator que imprimirá contornos surreais ao processo de hispanização, a ponto de se considerar que, como portador da idealização européia, Colombo trouxe para o continente uma identidade já fabricada, inventada anteriormente por uma sucessão

¹ Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis.

de imaginários; aqui aplicou-a de forma intransigente e narrou-a com toda a convicção, gerando o trajeto histórico irreversível, que conhecemos de sobra.

Assim sendo, os documentos colombianos – protocolos narrativos e descritivos que constituem o *verbo* fundacional do que seria a América e gênese da sua *escritura* subsequente – são decorrências de arquétipos míticos com que Colombo operou antes, durante e depois da façanha histórica de 1492 e que lhe serviram, quando postos em ação, como motores de “*un proceso de desconocimiento, instrumentalización y destrucción de la nueva realidad americana*” (Pastor, 1983, p.17), segundo palavras de Beatriz Pastor.

Essa interpretação gratuita e tergiversada da realidade, repleta de contradições, variedade de sentimentos e equívocos, dá-se, portanto, à revelia do referente, ainda que historicamente o registre e acabe pondo em evidência a viabilidade do programa expansionista europeu. Eixo gerador de uma galáxia de imagens sobrepostas ao meio e suficientemente ágeis para favorecer o apocalipse do universo cultural indígena, a ilusão de ótica histórica colombiana (novamente as palavras são de Paz), que se transformou em instrumento político de dominação, é tensão até hoje revirada pelas indagações mito-poéticas que compõem a *estrutura de busca* e a vocação histórica que caracterizam a novelística do continente.

Roberto González Echevarría assinala, no tocante ao dilema da origem e à produção literária propriamente dita, aspectos bastante instigadores. Diz o crítico que a história da América começou a ser registrada nos moldes narrativos e de pensamento da Idade Média, cujo tom visionário e o esquema providencialista acabaram marcando a narrativa posterior. Nesse sentido, o fenômeno chamado “descobrimento” significou uma ruptura drástica, pois desencadeou uma crise na historiografia vigente ao trazer o *novo* e o *desconhecido* para um mundo que, aparentemente, já estava mais ou menos conceituado e delimitado, abrangendo as partes conhecidas que constituíam o globo terrestre. Para que o saber da época explicasse o território novo e desconhecido, foi necessário recorrer à imaginação, como fizeram Colombo e os historiadores que o sucederam, os famosos “cronistas das Índias”, que encenaram, *na e pela* linguagem, o ritual discursivo de tomada de posse das zonas que, convenientemente, consideraram “terra de ninguém”.

Ainda em suas formulações, González Echevarría aborda um aspecto especialmente interessante para o nosso tema. Explica o crítico que “*Los cantos del edificio histórico que los cronistas quisieron construir estaban unidos por la argamasa mágica de la imaginación y fantasía. Sin proponérselo, estos historiadores echaron los cimientos de lo que vendría a ser la gran narrativa americana de nuestros días.*” (González Echevarría, 1984, p. 10). E completa o pensamento afirmando que todo “*esfuerzo narrativo que parta de una conciencia*

americana tiene que invocar la crisis, casi como una especie de deidad propiciatoria"(1984, p. 10).

A crise historiográfica do início da América espanhola é, pois, o celeiro deflagrador de uma vasta cultura literária, que transita do legado indígena pré-hispânico, passa pelo acervo formado pelas "crônicas das Índias" e alcança as obras dos autores contemporâneos, em função de uma história transformada, desde o começo, em anais do gênero fantástico; uma história que congrega diversidades perfiladas em dois blocos antagônicos, cada um contendo suas próprias diversidades internas; uma história que é, em suma, um conglomerado de multiculturalismos.

Mas no princípio de tudo foi a viagem. A América, como se sabe, foi, em algum momento longínquo, um continente vazio, que progressivamente foi ocupado por ondas de viajantes de origem asiática, através do Mar de Bering. Estima-se que o evento foi decorrência de geleiras que acabaram formando uma plataforma de união entre a América e a Ásia. A propósito da questão, Carlos Fuentes explica que:

Sobre este puente, a pie, nómadas en pequeños números comenzaron a entrar en el hemisferio occidental hace 65000 años (acaso sólo 30000). Talladores, cazadores, cavernícolas cazaron al mamut antes de su extinción. Recorrieron vastos espacios, de las montañas a los desiertos, a los valles y a las selvas. (...) Pero entre 75000 y 2500 antes de Cristo, el descubrimiento de la agricultura los convirtió en cultivadores sedentarios reunidos en aldeas.(Fuentes, 1992, p. 99)

A aldeia, espaço primordial da agricultura, vitalizou-se como o ponto de aglutinação de inúmeros imigrantes, que foram ocupando territórios através dos processos que, notoriamente, engendraram o conjunto das civilizações: êxodos, invasões, guerras, encontros, saques, piratarias, acomodações, comércio, conquista, colonização, etc. A essas formas de expansão acrescem-se outras, as viagens ao imaginário, viagens que, na América Hispânica, sedimentaram o mito como via de organização, na esfera do mágico, dos fenômenos naturais, sobrenaturais e humanos.

Essa América dos desbravadores pioneiros deflagrou, portanto, uma história alicerçada no culto ao mito, à magia, à lenda. Tais componentes, de caráter essencialmente narrativo e cerimonial, tecem nos seus vestígios, ruínas, resíduos e monumentos, os fatos concretos que explicam, pelas ciências humanas, a presença exuberante dos viajantes que, ao descobrirem a agricultura, agregaram-se, povoando o continente.

Na antiga região que vai do México à Nicarágua, a agricultura – prescreve certa versão da mitologia indígena – originou-se do primeiro grão de milho. Elemento sagrado da comunidade dos deuses, que era regida pela supremacia do Sol, o milho foi descoberto, em meio a inúmeras disputas, por um deus chamado Quetzalcóatl, a

serpente emplumada, com a ajuda de uma formiga. Foi então doado aos seres que viviam em estado brutal, para que constituíssem humanidade. Quetzalcóatl é, portanto, o deus da agricultura, da humanidade e da civilização na memória indígena. Como mito, vai ser decisivo na história da conquista do México e a conseqüente caída do poderoso império asteca, pois contribuirá para a consolidação, por parte dos astecas, de atitudes religiosas que supuseram o temor e a expectativa de uma grande tragédia cósmica: a chegada do tempo da destruição.

A visão de mundo asteca era orientada pelos ditames mágicos do chamado ciclo dos Cinco Sóis, que norteava a organização do seu calendário. Carlos Fuentes, que relata tal versão do mito, fornece-nos uma síntese dessa tradição:

A medida que evolucionó de la aldea ao centro ceremonial, a la ciudad y al imperio, el mundo aborigen de Mesoamérica, la región que se extiende del centro de México hasta Nicaragua, cultivó mentalmente un conjunto de creencias en cuyo centro se encontraba la idea de que el mundo había sido creado no una sino diversas veces. Esta creencia, desarrollada por los aztecas en la leyenda de los Cinco Soles, nos es relatada en el calendario solar, donde el centro del disco lo ocupa la imagen del sol, que nos muestra la lengua, significando que el sol brilla, y enmarcada por las cuatro direcciones que indican las cuatro creaciones previas del mundo y las catástrofes que sufrieron. El primer sol fue destruido por un jaguar, el segundo, por los vientos feroces; el tercero, por la lluvia incesante; el cuarto por las aguas del gran diluvio. (Fuentes, 1992, p. 101)

Quanto ao Quinto Sol, refere o tempo da criação e permanência dos homens, o tempo nascido do sacrifício dos deuses que demandará, para a preservação e o adiamento da “catástrofe solar”, o sacrifício humano, nessas sociedades organizadas pelo teor sacrificial, conforme esclarece Fuentes.

O estigma cosmogônico do Quinto Sol, associado ao mito de Quetzalcóatl, constituem, assim, fundamentos imaginários que ensejam eventos marcantes da história do continente e do seu próprio legado narrativo. Esse legado predominantemente oral e pictográfico, como se pode verificar, é anterior à presença espanhola no Novo Mundo e, tecendo-o, o mito de Quetzalcóatl revela-se estrutura modelar.

Reverenciado por inúmeras civilizações indígenas, antes mesmo do advento dos astecas, como o grande depositário das reservas morais da humanidade, organizador do caos, inventor das artes, das ciências e de tudo o que a habilidade humana origina, Quetzalcóatl é o princípio da criação. Invocado por meio de múltiplos relatos míticos, objeto de contraditórias metamorfoses e representações, símbolo da vida em oposição ao sentido da morte, Quetzalcóatl é também aquele que foi obrigado a abandonar os seus domínios, mas que prometeu voltar para retomar o seu reinado de justiça e paz. Semelhante configuração lendária será decisiva na história protagonizada por Cortés.

Fuentes sintetiza uma das versões desse mito, transmitida por informantes indígenas ao padre Bernardino de Sahagún no México. O relato contempla em seu interior uma lógica que se harmoniza perfeitamente, ou melhor, de maneira trágica, com a narrativa dos fatos históricos da conquista do México. Estabelece a versão que o deus, que vivia na cidade imperial de Tula, recebeu um dia a visita de demônios, deuses menores do panteão indígena capitaneados por um membro diabólico condenado a ser eternamente jovem, denominado Tezcatlipoca, nome que significa “Espelho Fumegante”. Entregaram então a Quetzalcóatl, na forma de presente, um espelho. O deus, ao ver-se refletido no objeto, gritou de pavor. Ele, que se acreditava dotado só de integridade divina, acabara de contemplar um rosto humano, o seu próprio rosto, imagem que lhe deu a consciência vir a ser vítima de um destino também humano.

Além disso, a imagem traduziu-se num signo nefasto, pois o rosto refletido revelou, premonitoriamente, os traços de um homem barbado, alourado e de olhos claros. Cumprido o ataque, folgaram-se os demônios. Nessa noite, Quetzalcóatl se embebedou e cometeu incesto com sua irmã. Na manhã seguinte, envergonhado de sua fraqueza, partiu em fuga, navegando em direção ao oriente, numa embarcação formada por serpentes revestidas de plumas. Todavia, conclamou sua volta para o ano Ce Ácatl, o Ano da Cana, que no calendário asteca coincidiria com 1519, ano em que Cortés desembarcou na costa mexicana fazendo ressoar, com toda a intensidade, os maus presságios que ao longo de anos vinham anunciando, para a visão indígena, o cumprimento da profecia temida, isto é, o regresso do mito.

A crença no retorno do mito e na iminência de consumação dos desígnios do Quinto Sol, assim como a chegada da armada de Cortés, ou a junção de imaginário e evento concreto, são fatores que ocasionaram o que se convencionou chamar eufemisticamente de “o sacrifício asteca”, o gesto de auto-entrega aos antagonistas da nação, um gesto decisivo que encerra o ciclo das civilizações indígenas na região central do continente. Como se nota, os fatos históricos e míticos do passado pré-hispânico ensejam as ocorrências cruciais da conquista do México.

Neste ponto vale a pena recordar a história dos astecas. No começo do século XIV, esses guerreiros, provenientes dos desertos da América do Norte, chegaram ao vale do México e, por meio de sucessivas lutas, submeteram as nações existentes nesse território, especialmente a dos toltecas, que haviam alcançado um elevado grau de civilização inclusive pela condição de herdeiros do ideário moral, político e religioso representado por Quetzalcóatl. No território hoje ocupado pela cidade do México, fundaram em 1325 a cidade imperial de Tenochtitlan, urbe piramidal construída sobre as águas do lago Texcoco, para, a partir dali, reinarem de forma absoluta e tirânica. Ao nome da cidade acrescentaram um prefixo, *México*, que em língua nahuatl significa simbolicamente “umbigo da lua”.

No entanto, os astecas não apenas foram vistos pelas tribos subjugadas como os invasores que “careciam de rosto”, por não possuírem lastro e tradição, como eles também cultivaram a consciência de que não eram ocupantes legítimos dos territórios sob sua administração. Como consequência, concomitantemente à ação bélica impuseram a si mesmos a busca de um legado moral que lhes conferisse respaldo aos impulsos de dominação e poder. Assim, encontraram no universo doutrinário e religiosos que envolvia a narrativa sobre o deus exilado a solução para o impasse, e se apossaram do mito paulatinamente, no afã de organizar a nova ordem imperial.

A partir do momento em que se assumem como herdeiros de Quetzalcóatl, a trajetória histórica dos astecas será marcada pela angústia do cumprimento da profecia de destruição e alimentada por um sistema de poder feroz e implacável, cuja plataforma político-religiosa se alicerçava na escravidão e no ritual do sacrifício humano, em benefício do adiamento da “tragédia do Quinto Sol”. Contudo, sabendo-se ilegítimos, não reagiram quando foram atacados pelos “homens loiros, barbados e de olhos claros”, aqueles que, eles supuseram, haviam chegado do oriente para a integração de posse daquilo que, por direito, lhes pertencia. Sendo assim, consumaram o ato da entrega.

Cortés relata no acervo documental conhecido como “Cartas de Relación”, cinco extensas epístolas através das quais ele dá testemunho, como artífice e narrador, da história da conquista do México, o discurso com que Montezuma, detentor da fala no universo simbólico, recebeu-o em Tenochtitlan, um discurso que se fez acompanhar pela entrega ritual de presentes em ouro, prata, plumas e outros bens:

Muchos días ha que por nuestras escrituras tenemos de nuestros antepasados noticia de que yo ni todos los que en esta tierra habitamos no somos naturales de ella sino extranjeros y venidos a ella de partes muy extrañas y tenemos asimismo que a estas partes trajo nuestra generación un señor cuyos vasallos todos eran, el cual se volvió a su naturaleza ... y siempre hemos tenido que los que de él descendiesen habían de venir a sojuzgar estas tierras y a nosotros como a sus vasallos y según de la parte que vos decís que venís, que es a donde sale el sol y las cosas que decís de ese gran señor que acá os envió, creemos y tenemos por cierto que él sea nuestro señor natural ... y por tanto vos sed cierto que os obedeceremos ... y no recibáis pena alguna, pues estáis en vuestra casa y naturaleza. (Cortés, 1988, p. 116-7)

Como se constata, o discurso de acolhimento ao exército espanhol, cuja expansão o mandatário asteca não conseguiu frear nem com o trabalho dos seus magos e bruxos, reflete a entrega de um povo ao poder do rei conclamado pelos espanhóis que, embora fosse recebido como uma imagem difusa, já estava perpetuado, em forma de símbolo nos anais do sagrado, como o legítimo senhor do reino. Aproveitando-se da situação, habilmente Cortés estabelece a conexão entre o imperador Carlos V, na condição de representante do deus verdadeiro (o católico), e o deus legitimado pela crença indígena, identificando ambos personagens em benefício de seus propósitos guerreiros. Quando os astecas percebem que aqueles enviados não são propriamente os vassallos de Quetzalcóatl e consumam a reação aos invasores, a batalha já está perdida e o império, subjugado, será irreversivelmente destruído.

Os signos perpetrados pela memória oral dos nativos favoreceram Cortés², fazendo história e mito se entrelaçarem de forma ambígua mas definitiva. Quanto a Cortés, homem típico de seu tempo, meio e mentalidade, nesse capítulo decisivo da hispanização da América, consagrou-se como o protótipo do conquistador. Seu principal legado jurídico-narrativo, as cinco cartas que reportam, com detalhes, a visão européia das excelências do Novo Mundo e a ação de expoliar e destruir essas mesmas excelências, é discurso centralizado na figura imbatível dele próprio, fato que enseja o aparecimento de novo cabedal de imaginação ligado aos caminhos seguidos pela história da América: o mito do conquistador.

O discurso de Cortés é uma arquitetura verbal articulada sobre duplo eixo, no que se refere à intenção verbal: conferir legitimidade à sanha conquistadora e “conquistar” o destinatário imediato da mensagem, o imperador Carlos V, de quem o guerreiro espanhol esperava reconhecimento e glória, após a conquista do império indígena. Cortés pertencia a uma família de fidalgos pobres. Nascido em 1485 em Medellín, Extremadura, sofreu influência de sua região de origem, marcada por uma longa tradição de lutas (guerra contra os muçulmanos; antagonismo castelhano-português; sucessão de Enrique IV), que imprimiu nos seus homens um sentido de cruzada, do qual o espírito cavaleiresco foi uma marca notável. Tinha 33 anos quando foi nomeado chefe da expedição que saiu de Cuba para conquistar o México, façanha realizada no curto espaço de 1519 a 1521. No entanto, vale ressaltar que o feito de Cortés não lhe garantiu a ascensão social pretendida à esfera nobre, embora lhe tenha granjeado o acúmulo de considerável riqueza. Após consumir a ação bélica, Cortés tornou-se o conquistador conquistado, uma espécie de desafeto da coroa espanhola, fato que o impediu de ser senhor do reino que granjeara.

Sob a aparência de documento sólido e verdadeiro, sua escritura é uma criação peculiar, já que, como “cronista das Índias”, Cortés é, sobretudo, cronista

² Cf. TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*.

das suas próprias façanhas, fator preponderante na edificação da figura do conquistador, aquela que sai da ficção para ingressar na história.

Esse super-herói de carne e osso, imbuído do afã guerreiro e impulsionado pelo lema hispânico do **ouro**, a **glória** e o **evangelho**, nutre-se não apenas das circunstâncias bélicas de seu meio e seu tempo, mas também (ou principalmente) de leituras de imaginação. A energia e o dinamismo psíquico que o caracterizam instruem-se num antecedente literário dos mais significativos para a mentalidade reinante. Trata-se dos romances de cavalaria, que contabilizam um rol de feitos notáveis e vão de encontro, como arcabouço escritural, ao conjunto de lendas, mitos e fabulações que, desde a Antiguidade, povoaram os sonhos dos europeus e que, no Novo Mundo, representaram a materialização do desejo e a disseminação da certeza da posse de um território de maravilhas.

Os livros de cavalaria, conhecidos como “livros mentirosos” pelo caráter fantástico do seu conteúdo, que eclipsava nos leitores a percepção da linha divisória entre imaginação e realidade, foram alvo de verdadeira febre de leitura na Espanha, transformando-se em uma sorte de loucura nacional. Em virtude da ressonância extrema de tais livros, o Estado viu-se obrigado a ditar normas, em meados do século XVI, com o fim de coibir a sua leitura, embora o consumo só tenha declinado a partir do momento em que, por excesso de recepção e pela repetição da forma narrativa exaustivamente calcada na imaginação, as obras esgotaram-se como literatura atraente junto ao público-leitor.

Primeiros livros realmente populares, consumidos desde os palácios e mosteiros até a praça pública (monarcas, religiosos, estadistas, santos, e não tão santos assim, formavam uma massa de leitores), os romances de cavalaria são os sucedâneos de uma notável tradição oral e manuscrita, as canções de gesta, a poesia dos trovadores e menestréis errantes, os romanceiros e outras modalidades artísticas correlatas, que configuravam a experiência coletiva em feitos de caráter extraordinário, romântico, místico, idealista, ou mesmo mundano, transmitidos também de forma coletiva. Entretanto, o aparecimento na Espanha, em torno de 1473, desse meio multiplicador que foi a imprensa trouxe à baila a experiência individual e solitária da leitura, abrindo um campo mais amplo de fertilização do imaginário, já que, no recôndito das idiossincrasias individuais, a imaginação desconhece fronteiras.

Por meio da imprensa, torrentes de livros com narrativas pretensamente autênticas, mas plenas de feitos prodigiosos, encantamentos, lugares ermos habitados por monstros, riquezas incalculáveis escondidas e à espera de um herói tributário, foram assimilados como obras portadoras de conteúdos históricos por leitores que, ainda que pertencentes às elites intelectuais, mostraram-se receptores emotivos e até pueris, que acreditaram piamente na verdade e na novidade daquelas “letras de molde”, ou, numa concepção mais popular, daquelas “letras que falavam” a partir do papel.

Os romances de cavalaria funcionaram, portanto, como provedores de imaginação e elevaram à esfera mítica a figura do guerreiro merecedor de fama, fortuna e nobreza por seu esforço individual, resultado da conjunção de valores tais como honra, romantismo, coragem, exaltação mística, ambição e paixão pela aventura. Esse ideal de guerreiro, construído na esfera ficcional e na gesta histórica, foi assumido plenamente pelo aventureiro espanhol, aquele que, sentindo-se conveniado com Deus, não hesitou em concretizar os seus modelos imaginários no Novo Mundo. O choque diante da nova realidade aguçou a ação e a fantasia e, como consequência, transformou-as em importante acervo de narrativas historiográficas. Trata-se das crônicas do Novo Mundo, que são, em última instância, um inventário de exotismo que assinala, desde os escritos de Colombo, a transgressão discursiva da realidade.

Em função disso, a América, circunscrita constantemente à ideologia da “maravilha”, torna-se o espaço do que é extraordinário, pela possibilidade de escoamento desse imenso cabedal mitológico propulsor da ação da conquista. O bravo guerreiro, dessa forma, impõe ao continente os seus anseios, exerce dominação e relata, mesmo que por uma ótica enviesada e à sua maneira, os dotes e os eventos da terra, moldando-a definitivamente.

Em tal contexto, a América de portentos torna-se o foco de projeções ambíguas, equivocadas e contraditórias, oscilando da figuração do paraíso terrenal e seu correlato imediato, o lugar da utopia, *o lugar que não é*, até a caracterização inversa, a do espaço da materialização do inferno, porém, um inferno atraente já que repleto de ouro, índias e bens de natureza diversa. Além disso, para alívio da consciência católica e equilíbrio da balança comercial espanhola, a América é vislumbrada como um espaço pagão, com enorme contingente humano carente de evangelho e frequentemente retratado como desejoso de se entregar à “verdadeira religião”.

Assim, diante dos seres e das coisas da terra, o conquistador mantém atitudes diversas: exalta-os, admira-os, emociona-se com êxtase místico ao contemplar a realidade inédita, mas ao mesmo tempo toma posse, renomeia, batiza, tortura, mata, transgride, destrói. E mais: registra discursivamente as ocorrências, estimulado por sua fantasia liberada.

São famosos, nesse sentido, os constituintes daquilo que comumente se intitula o “Bestiário das Índias”. Fontes da juventude, ilhas resplandecentes em ouro, sereias, monstros de todos os tipos, amazonas guerreiras, elixires da vida, bons selvagens, bestas humanas, o Eldorado e uma infinidade de insumos do imaginário coincidem, nessa “terra de ninguém”, com uma natureza gigantesca e esplendorosa; plantas e frutos jamais vistos; rios que parecem oceanos; cordilheiras que tocam o céu; selvas indomáveis; culturas absolutamente desconhecidas; gente de compleição física e comportamento indescritíveis; além disso, coincidem com as minas de prata do Potosi; um jardim de ouro no Cuzco;

a opulência e grandiosidade de Tenochtitlan, configurando-se, assim, um universo ilimitado para o exercício da imaginação, a ambição e a ação coletiva do mundo europeu.

Os relatos dos cronistas deixam patente essa conjunção de ficção e história que define a América hispânica e que recria/constrói sua memória, arte, cultura, trajetória literária. Quando Colombo dá a entender, no seu *Diário de bordo* do descobrimento, que os magníficos índios andam nus como suas mães os pariram porque são pobres; quando afirma que são jovens e não têm mais de 30 anos; quando Bernal Díaz del Castillo só consegue descrever Tenochtitlan comparando-a aos portentos relatados no livro de Amadis e expressando admiração pelas coisas “nunca ouvidas, nem vistas, ou sonhadas”; ou quando o historiador Gonzalo de Oviedo, em sua *Historia general y natural de Indias* caracteriza a esmeralda nestes termos: “*Restriñe los movimientos deleitables de los lujuriosos, y restituye la memoria perdida, y vale contra los fantasmas y las ilusiones del demonio; apacigua las tempestades y estanca la sangre, y vale a los adivinos, como se dice en el ‘Lapidario’*”; enfim, quando esses cronistas produzem tantos disparates, e de forma até poética, estão fazendo história, ainda que história repleta de invenção ficcional.

E, para concluir esta síntese de fatos e fontes que alicerçam a cultura e os processos referentes às identidades da América, vale a pena retomar determinadas “provocações” de Carlos Fuentes, a respeito dos bravos conquistadores renascentistas, seus feitos, sua ressonância:

Estos hombres, llenos de la confianza que les daba saberse actores de su propia historia, aunque ello signifique también ser víctimas de sus propias pasiones, no llegaron solos. La Pinta, la Niña y la Santa María fueron seguidas por la nave de los locos, la navis stultorum del famoso grabado de Brandt. El vigía se llamaba Maquiavelo, Tomas Moro era el piloto en nuestra embarcación de los necios y el cartógrafo era el encorvado y vigilante Erasmo de Rotterdam. Sus respectivas consignas, los estandartes de su nave eran, respectivamente, esto es, esto debe ser y esto puede ser (Fuentes, 199, p. 55).

Isto é a América. Contra a maré da ortodoxia predatória católica, Maquiavel, Morus e Erasmo chegaram ao Novo Mundo para aqui misturarem-se e ensinarem novas batalhas. Batalhas que vivemos até hoje, nestes tempos de pós-tudo ou pós-nada.

MILTON, H. C. Narrative and collective imagination in Spanish-America. *Itinerários*, Araraquara, n. 15/16, p. 151-161, 2000.

- **ABSTRACT:** *A significant amount of the Spanish-American narrative production constitutes an aesthetic questioning of the history that has been written in the new continent since Columbus. As it is known, such history presents specific features which reflect the influence of both the European collective imagination at the time and local mythological sources. These sources served as a catalyst for the local native knowledge. Imagination, history and narrative in Spanish-America constitute, therefore, cultural scopes in constant and close relation. Taking into account relevant aspects of the Spanish-American cultural history, this paper aims at discussing a few elements that belong to American history, grounded on concepts such as narration and imagination, fundamental in the shaping of American identities.*
- **KEYWORDS:** *Fiction and history; myth and imagination; Spanish-American narrative; the conquest of America; Carlos Fuentes.*

Referências Bibliográficas

- CORTÉS, H. *Cartas de relación*. 2ª ed. Madrid: Mario Hernandc, 1988. (Historia, 16).
- LEONARD, I. A. *Los libros del conquistador*. 2ª ed. Trad. Mario Montefortes Toledo. México: FCE, 1979.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- FUENTES, *Valiente Mundo Novo*. Épica, utopía y mito en la novela hispanoamericana. México: FCE, 1990.
- _____. *El espejo enterrado*. México: FCE, 1992.
- PASTOR, B. *Discurso narrativo de la conquista de América*. La Habana: Casa de las Américas, 1983.
- GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, R. *Historia y ficción en la narrativa hispanoamericana*: Coloquio de Yale. Caracas: Monte Ávila, 1984.

■ ■ ■